

1^a Parte

Estudos

Miguel Torga: 90 Anos

Linhares Filho

Ainda pude conhecer Miguel Torga pessoalmente e abraçá-lo em Coimbra, no exato dia do transcurso dos seus 80 anos, quando fui recebido por ele no seu consultório de médico otorrino, no Largo da Portagem. Já ele, com cerca de 50 livros publicados nos vários gêneros, era detentor de três prêmios internacionais e fora por três vezes candidato ao Prêmio Nobel de Literatura. Embora com a impassibilidade de seu semblante austero de antigo cavador, consentiu em conceder-me longa entrevista àquela ocasião, dois anos após a defesa da presente tese. Em 1992, sendo Coordenador da Casa de Cultura Portuguesa da UFC, promovi um seminário de estudos torguianos, para comemorar os 85 anos do poeta. Em 1995, ministrei cursos nas Universidades de Colônia e Aachen, na Alemanha, sobre a poesia do grande português, e agora, neste ano, comemoro convosco, *in memoriam*, os seus 90 anos, e a comemoração, se, por outros bons motivos, não se justificasse, explicar-se-ia pela extrema ligação do autor, na vida e na obra, com o nosso Brasil.

Esqueço as adversidades que, ao longo de 12 anos, enfrentei, desde que defendi a tese de Doutorado que originou o presente livro, lutando por conseguir uma editora que lhe desse uma estampa condigna e melhor a distribuisse; esqueço tais adversidades para encher convosco a taça do regozijo e brindar o nascimento de um filho espiritual, surgido do suor e da emoção, do sacrifício e do encantamento, da paixão e da fé, das muitas horas de lucubrações, animadas por teimosa curiosidade, objetivando o entendimento, a discussão, o juízo e a valorização da poesia que me propus estudar.

Por mais que as conveniências editoriais exigissem nova roupagem para a tese que defendi, a essência desta permanece no meu livro e não posso desvincular-me dessa evidência, pois foi esse caráter que exigiu de mim uma leitura original pela abrangência, pela metodologia e pela penetração interpretativa das microestruturas

para ilações macroestruturais, tudo isso me levando à afirmação do título *O Poético como Humanização em Miguel Torga e ao entre-texto* expresso nesta síntese de *trans-modelo*: Busca do Ser pela realização lírica, social e telúrica do homem através da Poesia.

Viver poeticamente, eis o que detecto da pregação ontológica de Miguel Torga, para que o homem se humanize. “Somos todos poetas” escreveu o autor no título de um poema, e essa é uma forma de pregar que existe em todos nós uma disponibilidade para o sonho, a criação nos pequenos gestos, nas atitudes mais simples do dia-a-dia. Para, que o homem se salve da opressão de um mundo embrutecido e tirânico, é preciso a adoção do espírito poético. E este é a consciência da condição humana, do Ser-comos-outros e do Ser-para-a-morte; descer aos infernos interiores como Orfeu; contemplar-se interiormente numa perquirição ontológica, como Narciso; defender o humano como Prometeu; ser tenaz como Sísifo, debatendo-se entre o desespero e a esperança; cultivar a criatividade na arte e nas ações como quem deseja apascentar os ventos da primavera; conscientizar que, como escreveu Torga, “o mundo não pode viver sem flores, e por isso elas nascem e desabrocham”; ser, segundo o poeta, “fontes que se avolumam noutras fontes” ou “luz que termina/ Onde outra luz começa” e, afinal, ter, como cantou o vate português, uma “morte que primeiro foi vencida”, deixando o “testamento na pureza das ilhas,/ Gravado pelas ondas sem sossego”...

Nada mais sedutor para quem, como eu, cultiva bem ou mal a Poesia represada no poema, do que as mensagens torquianas, que me levaram do impressionismo à análise minuciosa do contexto, do intratexto, do intertexto e do *entre-texto* da poesia que as originou, produzida por esse poeta imenso da moderna Literatura Portuguesa que, ao lado de um Fernando Pessoa, um Sá-Carneiro, um Vitorino Nemésio, um David Mourão-Ferreira, e outros, pode, nessa Literatura, ser equiparado aos maiores poetas mundiais do século.

Senti-me ainda, no ofício de ensaísta-crítico e de hermeneuta, a cumprir, extensivamente, a missão de poeta, se é certo, como teoriza Alfonso Reyes, que “nosso Dia da Criação se confunde com nosso Dia do Juízo”, o que equivale a dizer que o poeta é crítico e o crítico é poeta. Também Eduardo Portella assegura que “no dina-

mismo do jogo da verdade a crítica é criação”. E, referindo-se à hermenêutica, afirma que “Conhecer é co-nascer”.

Sinto-me feliz, meus amigos, por ter a consciência de que, no exercício do trabalho existencial do magistério que tanto prezo e que procuro dignificar, a atividade da pesquisa redundou, com o livro que vos oferto, na continuidade daquilo que é essencial em minha vida, o ato de criar, de ser poeta e, como tal, em mais ainda me engajar no programa existencial-ontológico da humanização pregada por Miguel Torga.

Nesta noite de exultação e aleluias, lembro, comovido, o carinho da compreensão de minha mulher, Mariazinha, e de minhas filhas, tolerando-me a ausência na própria casa, para que fosse fecunda minha solidão. Lembro Mestre Moreira Campos, que mais do que ninguém acreditou em mim no âmbito de minha Universidade. Lembro Cleonice Berardinelli que, em sua luz solar e sendo cheia de uma honestidade intelectual a toda prova, soube, na qualidade de Orientadora da tese em causa, iluminar caminhos e manter comigo diálogos de alto nível acadêmico ante minhas propostas e argumentos.

Não podia ambicionar melhores recomendações para o meu livro do que as das palavras autorizadas dos dois poetas maiores do Ceará e duas das mais altas vozes da poesia de Língua Portuguesa na atualidade: Artur Eduardo Benevides e Francisco Carvalho. Ao poeta de *Girassóis de Barro* devo a magnífica orelha do livro, mais uma dentre tantas páginas críticas que escreveu sobre minha obra em prosa e verso, motivado pela amizade fraterna e a admiração recíproca de tantos anos. Ao poeta de *Escadarias na Aurora* devo a extraordinária apresentação de hoje, escrita com o brilho de seu verbo convincente e emocionante, a ele a quem devo também grande parte de minha formação intelectual como seu antigo aluno de Letras. A Francisco Carvalho e Artur Eduardo Benevides, minha profunda gratidão.

Confirmo dois agradecimentos que registrei no prefácio do livro. Ao eminente colega e confrade Prof. Dr. José Murilo de Carvalho Martins, Vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará, pelo indispensável apoio à publicação do meu livro. Ao Prof. Dr. Antônio Martins Filho, Reitor Agregado da UFC e Coordenador do Programa

Editorial da Casa de José de Alencar, insigne animador da Cultura Cearense e sementeiro de livros que lhe aureolam hoje a mente lúcida e proclamarão seu nome para a posteridade, agradeço pela decisão de editar o meu estudo.

Confesso-me reconhecido ao Ideal Clube na pessoa do seu Presidente, Dr. Luís Carlos Aguiar, e na pessoa do seu Diretor de Cultura, Dr. Rócio Aguiar Rebouças, por esse importante clube abrigar como anfitrião a presente festa do intelecto.

Ao Poeta e Jornalista Carlos Augusto Viana agradeço pela página de excelente crítica publicada no *Diário do Nordeste* de hoje.

Sou grato ainda a Assis Martins pela artística concepção da capa do meu livro, a Carlos Alberto Dantas por sua editoração eletrônica e a todos os atenciosos e competentes funcionários da Imprensa Universitária, que trataram da parte física da obra que hoje se lança ao público, comandados eles pelo tino administrativo, o entusiasmo e a dedicação do professor e artista Geraldo Jesuíno da Costa.

Por fim, agradeço-vos efusivamente, a vós todos, meus caros familiares, conterrâneos de Lavras, colegas, alunos e leitores amigos, que me dais a eufórica certeza, com o apoio benevolente de vossa presença, de que, seguindo as pegadas sisíficas do projeto poético e ontológico de Miguel Torga, recriei humanisticamente, de modo válido, o literário e a vida, participando da força criativa de Deus.